

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

Escola de Comunicações e Artes  
Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo

**Cultura Material e Consumo: perspectivas semiopsicanalíticas**

**ANA LUIZA MACHADO DE CAMPOS VARGA**

**RENASCIMENTO DO CARNAVAL DE RUA DE SÃO PAULO:**  
Análise da transformação da capital paulista em uma potência carnavalesca de rua e as  
redes sociais como uma ferramenta viabilizadora

**São Paulo**

**2020**



**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

Escola de Comunicações e Artes  
Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo

**Cultura Material e Consumo: perspectivas semiopsicanalíticas**

**ANA LUIZA MACHADO DE CAMPOS VARGA**

**RENASCIMENTO DO CARNAVAL DE RUA DE SÃO PAULO:**  
Análise da transformação da capital paulista em uma potência carnavalesca de rua e as redes sociais como uma ferramenta viabilizadora

Monografia apresentada ao Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, em cumprimento parcial às exigências do Curso de Pós-Graduação-Especialização, para obtenção do título de especialista em “Cultura Material e Consumo: perspectivas semiopsicanalíticas”, sob orientação do Prof. Dr. Bruno Pompeu.

**São Paulo**

**2020**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

**(Catalogação)**

Nome: VARGA, Ana Luiza Machado de Campos

Título: RENASCIMENTO DO CARNAVAL DE RUA DE SÃO PAULO - Análise sobre a transformação da capital paulista em uma potência carnavalesca de rua e as redes sociais como ferramenta de viabilização

Banca Examinadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_  
Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_  
Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_  
Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Aprovado em:

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos professores doutores Bruno Pompeu e Clotilde Perez despertarem mim o interesse pela retomada ao meio acadêmico, e a Leandro Bonilha, melhor amigo e parceiro de trabalho, por fazer essa jornada mais leve e interessante.

Aos demais colegas e professores pela inspiração e aprendizados em todos os momentos em que estivemos juntos.

A Lina pelo carinho, dedicação e paciência.

## RESUMO

Este trabalho se propõe a entender os principais aspectos da retomada do carnaval de rua de São Paulo a partir da segunda metade do século XXI. Partiremos de uma investigação histórica que aborda sua origem católica e seus impactos no universo simbólico que permeia o carnaval, bem como os aspectos psicanalíticos do indivíduo e das massas intrínsecos à celebração. Abordaremos também a relação do autoritarismo brasileiro no fortalecimento da cultura carnavalesca, a importância do espaço público na manutenção de seu papel subversivo e como o desenvolvimento privado das cidades impactam no enfraquecimento do carnaval das ruas. Discorreremos também sobre a conversão da retomada do carnaval de rua de São Paulo com outras iniciativas de reapropriação do espaço público. Por fim, iremos encerrar com pontuações que ilustram como as redes sociais atuaram na visibilidade, popularização e organização e se tornaram ferramentas centrais na viabilidade de todo o evento.

**Palavras-chaves:** psicologia das massas; autoritarismo; subversão; carnaval; rua; mídias sociais.

## RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo comprender los principales aspectos de la reanudación del carnaval callejero en São Paulo a partir de la segunda mitad del siglo XXI. Partiremos de una investigación histórica que aborda su origen católico y sus impactos en el universo simbólico que impregna el carnaval así como los aspectos psicoanalíticos del individuo y las masas intrínsecos a la celebración. También abordaremos la relación del autoritarismo brasileño en el fortalecimiento de la cultura del carnaval, la importancia del espacio público para mantener su papel subversivo y cómo el desarrollo privado de las ciudades impacta en el debilitamiento del carnaval callejero. También discutiremos la conversión de la reanudación del carnaval callejero en São Paulo con otras iniciativas para la reapropiación del espacio público. Finalmente, terminaremos con puntajes que ilustran cómo las redes sociales actuaron en visibilidad, popularización y organización y se convirtieron en herramientas centrales en la viabilidad de todo el evento.

**Palabras clave:** psicología de las masas; autoritarismo; subversión; carnaval; calle; redes sociales.

## **ABSTRACT**

This work aims to understand the main aspects of the resumption of street carnival in São Paulo from the second half of the 21st century. We will start from a historical investigation that addresses its Catholic origin and its impacts on the symbolic universe that permeates carnival, as well as the psychoanalytic aspects of the individual and the masses intrinsic to the celebration. We will also address the link between of Brazilian authoritarianism in strengthening carnival culture, the importance of public space in maintaining its subversive role and how the private development of cities impacts on the weakening of street carnivals. We will also convert the resumption of the street carnival in São Paulo with other initiatives for the reappropriation of public space. Finally, we will end with illustrations of how social networks acted in visibility, popularization and organization and became central tools in the viability of the entire event.

**Keywords:** mass psychology; authoritarianism; subversion; carnival; street; social media.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
<b>1. CARNAVAL: ETIMOLOGIA, ORIGEM E TRANSIÇÃO SIMBÓLICA</b>	<b>14</b>
<b>2. CARNAVAL: SEXUALIDADE, PSICOLOGIA DAS MASSAS E FORTALECIMENTO NO MUNDO OCIDENTAL</b>	<b>18</b>
<b>3. CARNAVAL BRASILEIRO: ORIGEM, AUTORITARISMO E SUBVERSÃO DA ORDEM</b>	<b>22</b>
<b>4. CARNAVAL DE RUA NO BRASIL: SIMBOLOGIA, ENFRAQUECIMENTO E RETOMADA</b>	<b>25</b>
<b>5. CARNAVAL DE RUA NA "SELVA DE PEDRA" E A IMPORTÂNCIA DAS REDES SOCIAIS NA VIABILIDADE DE SUA RETOMADA</b>	<b>29</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>41</b>
<b>7. REFERÊNCIAS</b>	<b>44</b>

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Homem solta fumaça colorida em frente à prédios na República	34
Imagem 2 - Amigas fazem gesto de paz e amor no meio da Avenida Faria Lima	34
Imagem 3 - Homem fantasiado em meio à multidão no Theatro Municipal	35
Imagem 4 - Amigas fantasiadas de coelhinhas em ônibus à caminho da Faria Lima	35
Imagem 5 - Shopping Light em meio à multidão	36
Imagem 6 - Fernanda Paes Leme em frente aos edifícios espelhados	36
Imagem 7 - Grupo de amigos fantasiados em frente à Edifício República	37
Imagem 8 - Homem faz gesto irreverente na Avenida Brigadeiro Faria Lima	37
Imagem 9 - Casal tira selfie em frente à Catedral da Sé	38
Imagem 10 - Mulher tira foto agachada no meio da Avenida Consolação	38
Imagem 11 - Homem faz pose irreverente em frente ao Palácio da República	39
Imagem 12 - Mulher tira foto agachada no meio da Rua Augusta	39

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 - Constituição psíquica do "eu ideal"

20

## INTRODUÇÃO

Diante do inesperado, o carnaval de rua de São Paulo emerge, no ano de 2020 como o principal destino carnavalesco do ano. Dados da prefeitura de São Paulo em matéria realizada ao portal UOL (2020) revelam que no ano de 2020 a cidade recebeu 15 milhões de pessoas, se equiparando assim ao número de participantes dos carnavais do Rio de Janeiro e Recife, cidades as quais a tradição carnavalesca de rua se perpetuaram com maior força ao longo dos anos.

Toda a elaboração do trabalho partiu do questionamento: “O que fez com que São Paulo, a mais icônica metrópole brasileira, em meio a uma infinidade de condomínios fechados, shoppings e avenidas, uma cidade onde estar na rua se a pé, como cidadão, torna-se uma missão quase impossível devido à sua hostilidade, pudesse se tornar o principal destino carnavalesco de rua em 2020?”

Buscando trazer contornos a compreensão deste fenômeno, este trabalho se propôs a investigar desde os aspectos históricos, simbólicos e psicanalíticos ligados à origem do carnaval, passando pela compreensão da importância da celebração para a cultura brasileira e a importância da apropriação das ruas em uma cidade extremamente urbana, a qual o espaço público se faz cada vez mais hostil ao coletivo. Por meio de um levantamento visual de conteúdos ligados aos principais blocos da cidade, foi possível tornar tangível as questões que sintetizam os motivos pelos quais essa retomada tem relação ao espírito carnavalesco essencial e, por isso, se fez presente e com tanta força nos dias atuais.

Foi analisado também o papel das mídias sociais como uma ferramenta viabilizadora da atual retomada, a qual foi apontado e relacionado como cada um de seus atributos e benefício se fez presente na atenuação das barreiras que se deram a partir desenvolvimento urbano capitalista icônico impostas às ao comportamento coletivo.

Como base teórica para a compreensão do fenômeno, tomou-se como base teórica diversos campos de conhecimento relacionados a especialização *Cultura Material e Consumo: perspectivas semiopsicanalíticas*, tendo como principais assuntos relacionados à Semiótica, Psicologia das Massas e Antropologia.

## 1. CARNAVAL: ETIMOLOGIA, ORIGEM E TRANSIÇÃO SIMBÓLICA

Do Dicionário Etimológico, “carnaval” é uma palavra que se origina do latim *carnem levare* ou *carnis levale*, criada a partir da junção dos termos *carnis*, que significa “carne” e do verbo *levare*, que quer dizer “levar”, “afastar”.

Segundo o historiador Felipe Figueiredo (2019), embora o festival esteja associado à cultura cristã, sua origem antecede ao cristianismo e suas primeiras retratações visuais vem do Egito e Grécia antigos. Entretanto, de acordo com Figueiredo, foi na Roma católica que a celebração ganhou protagonismo e se tornou a raiz de propagação para o mundo ocidental.

Diferentemente da celebração dos dias atuais, o festival romano original acontecia durante vários dias seguidos e tinha como objetivo exaltar o fim do inverno e a chegada da primavera, tornando a festa um símbolo de renovação da vida e otimismo.

Seu formato foi se modificando ao longo do tempo devido as interferências e oposições sofridas por parte da igreja católica devido a sua origem relacionada a religiões politeístas. Em uma tentativa de reprimir a manifestação, a Igreja tomou-o como tema principal do Concílio de Nicéia (325 d.c), um dos mais importantes eventos que visava discutir as práticas relacionadas à vida cristã.

Sem sucesso, quase um século depois, em uma tentativa de aproximar a celebração do cristianismo, Carnaval foi incorporado ao calendário cristão sob ordem do Papa Gregório, sendo atribuído como o período que antecede a quaresma. Nesta época foi criada também a quarta-feira como período oficial de seu encerramento, dando origem a quarta-feira de cinzas.

Pode-se concluir, então, que a partir da incorporação à vida católica que o Carnaval assumiu um caráter profano e imoral. Este aspecto fica ainda mais nítido ao observar o discurso de autoridades religiosas da época. Para o Bispo Cesário de Arles, o

Carnaval pode ser definido como: “Pessoas em roupas estranhas, exaltam seus vícios junto com gestos desordeiros e canções obscenas” (como cita Filipe Figueiredo em conteúdo audiovisual denominado *"O Nerdologia História você vai entender porque o dia de hoje é chamado de Terça-feira gorda!"*).

O conceito de profano, de acordo com Durkheim (1996) em *As formas elementares da vida religiosa*, faz parte do fenômeno religioso devido a sua suposição dual e bipartida do universo em conhecido e desconhecido, opondo-se ao conceito de sagrado.

Em um aprofundamento sobre os fundamentos da vida religiosa, o artigo *“Revisitando dicotomias clássicas em as formas elementares da vida religiosa: sagrado x profano e religião e magia”* - que tem a obra de Durkheim como base teórica, demonstra como a religiosidade emprega um juízo de valor superior à tudo o que é desconhecido ao homem e denomina-o como Deus, originando assim a conceito de sagrado. Em contrapartida, o universo conhecido é aquele a que se atribui os aspectos da materialidade da vida humana, e estaria posicionado sob Deus e portanto, inferior a ele, dando origem ao conceito de profano.

Os dogmas da vida religiosa baseiam-se, portanto, no distanciamento do ser humano de tudo o que o conecta a sua materialidade com intuito de diminuir o distanciamento entre a natureza humana e o sagrado. Como consequência, quanto maior o sacrifício em nome da aproximação à figura de Deus maior o status de superioridade atribuído ao ser humano pela sociedade, passando esse a ser reconhecido como alguém “melhor” e mais “elevado”.

Pode-se observar então, que em seus primeiros anos de existência, com a atribuição do caráter profano gerado a partir de sua incorporação ao calendário cristão, o Carnaval ampliou seu significado: de uma celebração pela entrada em um novo ciclo de abundância que trazia consigo a certeza de dias melhores, para um breve período no

qual se recebe a permissão divina ao desfrute dos prazeres proporcionados pela vida mundana.

Tal observação reitera-se por Roberto DaMatta (1997), em sua obra *Carnaval, malandros e heróis*, na qual o antropólogo discorre sobre a temporalidade cósmica do carnaval, devido ao fato de transcender à cronologia história fixa, tendo início a partir do nascimento da relação entre Deus e a humanidade, como pode-se observar no seguinte passagem:

o tempo do carnaval é marcado pelo relacionamento entre Deus e os homens, tendo, por isso mesmo, um sentido universalista e transcendente. Assim, o começo do carnaval perde-se no tempo - estando ligado a toda a humanidade, do mesmo modo que pensar no tempo do carnaval é pensar em termos de categorias mais abrangentes como pecado, a morte, a salvação, a mortificação da carne, o sexo e o seu abuso ou contingência. A cronologia do carnaval é, assim, uma *cronologia cósmica*, diretamente relacionada à divindade e a ações que a levam à conjunção ou disjunção com os deuses. (p. 55)

## 2. CARNAVAL: SEXUALIDADE, PSICOLOGIA DAS MASSAS E FORTALECIMENTO NO MUNDO OCIDENTAL

A constituição histórica profana adquirida pelo carnaval agregou à celebração um tônus simbólico de libertação sexual que perpetua até os dias atuais. De acordo com os preceitos da vida religiosa abordados no capítulo anterior, se o que afasta o homem de Deus são as vivências que o conectam ao mundo concreto, as respostas físicas, biológicas, de prazer do corpo humano escancaram conexão a do homem com sua natureza profana e passam a ser o pilar central de controle para a preservação da vida religiosa.

O exercício da sexualidade pode ser considerado o aspecto biológico humano com maior potência na produção de prazer físico no corpo humano, devido a sua constituição erógena extrema, reflexo da conjuntura de todas as respostas de prazer de todas as partes sensíveis do corpo. Segundo o artigo, "*Política e sexualidade na trajetória de Reich: Berlim (1930-1933)*" (BEDANI, Airton e Albertini, PAULO, 2009), a sexualidade humana é denominada *potência orgástica*, que seria caracterizada pelo psicanalista como a capacidade de descarga completa de convulsões involuntárias e prazerosas do corpo.

Portanto, desde o início da vida católica religiosa essa potência passa a ser uma questão fundamental a ser reprimida na busca pela aproximação à figura divina - sendo "absolvida" de sua profanidade apenas quando praticada para fins reprodutivos, com objetivo de proteger a perpetuação da espécie humana.

A perspectiva religiosa da sexualidade passa a ser questionada com a chegada do século XVIII trazendo consigo movimento Iluminista, desenhando as primeiras tentativas de racionalização da vida humana através do pensamento científico e pragmático e dando início a noções embrionárias de liberdade individual e tolerância religiosa. Nasce então as possibilidades de questionamento e escolha, e a religião passa a não ser a única via de direcionamento da vida humana.

Porém, os primeiros estudos e teorias a respeito da sexualidade nascem no século XIX, com Freud. De acordo com Pedro De Santi (2019), o ponto de partida para a obra de Freud, a constatação de sua determinação religiosa de restrição à finalidade reprodutiva. A partir daí, o psicanalista identificou um critério moral que determinava os limites de “certo” e “errado” para a satisfação do desejo.

Emergem então as novas interpretação à respeito do desejo humano, a qual Freud passa a atribuir sua formação à uma origem inconscientes ligadas às experiências vividas por meio da figura materna e paterna durante os primeiros anos da infância. Nas palavras do psicanalista,

como se sabe, essa primeira configuração amorosa da criança, tipicamente subordinada ao complexo de Édipo, sucumbe a um surto recalador a partir do início do período de latência. O que sobra dela se mostra para nós sob a forma de ligação emocional puramente terna que diz respeito às mesmas pessoas, mas não deve mais ser classificada como “sexual”. A psicanálise, que investiga as profundezas da vida psíquica, não tem dificuldades de mostrar que também as ligações sexuais dos primeiros anos de infância ainda persistem, mas recalçadas e inconscientes. (p. 45)

Em Édipo, Freud atribui à figura paterna como uma alteridade que teria função estabelecer os limites para a satisfação do desejo - que, por sua vez, é conceituado como a resposta à falta gerado pelo afastamento do corpo materno. O “pai” se estabelece como as primeiras experiências de um “eu” externo ou “outro”, o que afasta a criança do corpo materno em um processo que dá início a sua capacidade de desejar se tornando um objeto de identificação, um “eu ideal”, como discorre e ilustra o psicanalista em Psicologia das massas e análise do eu:

simultaneamente a essa identificação com o pai, talvez até antes, o menino começou a fazer um autêntico investimento objetual da mãe segundo o tipo de apoio. Assim, ele mostra duas ligações; em relação ao pai, uma identificação que avança sem cessar, elas finalmente se encontram, e por essa confluência surge o complexo de Édipo normal. O pequeno percebe o pai junto à mãe. A identificação é ambivalente desde o início; ela pode se voltar tanto para a expressão da ternura quanto para o objeto de eliminação. Ela se comporta como um derivado da primeira fase libidinal, a fase *oral*, em que se incorpora o objeto desejado apreciado ao comê-lo, aniquilando como tal. (p. 50)

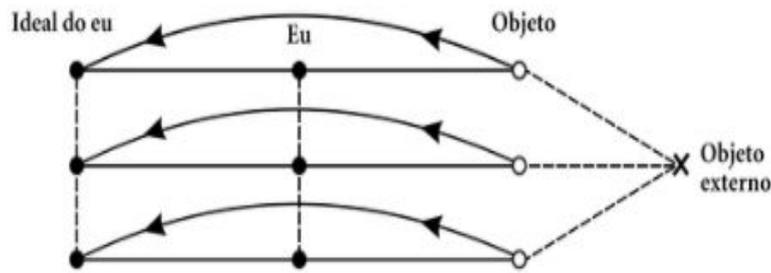


Figura 1 - Constituição psíquica do "eu ideal" (FREUD, Sigmund, p. 59)

Ao longo de sua evolução, A Psicanálise amplia seu caráter individual e passa a questionar a possibilidade de relação com o comportamento coletivo, dando origem aos estudos relacionados a Psicologia das Massas. Freud reconhece essa relação, logo na introdução de *Psicologia das Massas e análise do eu*, por meio da seguinte afirmação: “a psicologia individual é também é ao mesmo tempo psicologia social nesse sentido ampliado, porém inteiramente legítimo” (p.16). Entretanto, a questão fundamental que deu origem a sua obra, não seria apenas o reconhecimento dessa relação e sim o questionamento dos motivos pelos quais a massa se manteria coesa (p. 10).

A resposta estaria na constatação da relação que se estabelece entre a figura paterna da primeira infância e o líder da massa. Para Freud, assim como para o indivíduo o pai é quem estabelece a função de corte e também se torna uma figura de desejo proporcionada através da formação do eu ideal, nas massas o líder é quem assume o papel de pai ideal através do exercício de sua autoridade, respondendo a um desejo de submissão ao eu ideal primordial e estabelece uma ligação erótica com a massa, como justifica Freud:

o líder da massa continua ser o temido pai primordial, a massa ainda quer ser dominada por uma força irrestrita, anseia pela autoridade em um grau extremo, tem, segundo Le Bon, sede de submissão. o pai primordial é o ideal da massa, que domina por uma força o eu no lugar ideal do eu...é uma convicção que não se baseia no percepção e no trabalho intelectual, e sim na ligação erótica. (p. 70)

Ainda de acordo com o psicanalista, assim como na formação psíquica individual, essa figura transita entre a expressão de afeto e o desejo de eliminação. A massa então se submete à autoridade do líder tanto pelo amor quanto pelo o medo.

As estruturas coletivas de autoridade estabelecidas por instituições como igreja e estado, seriam fruto do desejo do indivíduo de submissão e subversão da ordem, e o pertencimento do indivíduo a um grupo de pessoas faz com que ele abra mão de seus interesses individuais para a manutenção da ordem e, ao mesmo tempo, pode proporcionar um anonimato que protege o indivíduo da castração.

Para o fechamento deste capítulo, conclui-se então, por meio da análise das teorias ligadas à psicologia das massas que uma das raízes da perpetuação do carnaval no mundo ocidental - uma festa com origem pré-cristiana ainda contemporânea se deve ao fato de sua incorporação ao calendário cristão tê-lo transformado em uma espécie de hiato coletivo da função paterna que, apesar de breve, ganhou um status de “oásis” para o livre exercício do prazer individual através do coletivo.

### 3. CARNAVAL BRASILEIRO: ORIGEM, AUTORITARISMO E SUBVERSÃO DA ORDEM

De acordo com a historiadora e antropóloga Lilia Schwarcz (2019), o Carnaval é uma festa popular que acabou se associando diretamente a história e cultura brasileira e seus primeiros relatos datam de 1553, em Pernambuco.

A a mais popular forma musical do carnaval, o samba, nem sempre caminhou com o nascimento do carnaval e, como revela Schwartz (2019), teve origem quase três séculos depois, na Bahia, e se popularizou no Rio de Janeiro. Para fins analíticos, a antropóloga traz o primeiro samba composto, uma criação do compositor Donga, em 1916, e se chamava *Pelo telefone*:

*"O chefe da polícia pelo telefone manda me avisar  
Que na Carioca tem uma roleta para se jogar  
O chefe da polícia pelo telefone manda me avisar  
Que na Carioca tem uma roleta para se jogar"*

(Portal Letras.mus.br)

Como conclusão à análise, Schwartz (2019) afirma: “Aqui já estava claro como o samba já carregava uma dose muito grande de subversão. Misturando ordem e desordem.”

A percepção da antropóloga vai ao encontro da percepção de Roberto DaMatta (1997) sobre o carnaval brasileiro, que o enquadra na categoria de “rituais fundados no princípio da inversão” (p. 49), em *Carnavais, malandros e heróis: Para uma sociologia do dilema brasileiro*. Para o autor ainda, esta classificação lhe cabe devido à sua natureza de ser um ritual com ação espontânea e extraordinária, e estes estariam ligados, em sua universalidade, às condições de opressão e repressão do povo trabalhador (p. 50).

Outro ponto abordado por DaMatta (1997) em sua obra é a relação das condições de opressão e repressão com o traço cultural do autoritarismo no Brasil, que seria fruto da dualidade de papéis sociais formada por maneiras distintas de submissão às leis, que separa os indivíduos que se submetem à ela e outros as quais seu papel seria irrelevante.

Para Schwartz, em *Sobre o autoritarismo brasileiro* (2019), este traço cultural (autoritarismo) teria raiz na perpetuação da sociedade escravocrata brasileira por mais trezentos, que tornou o país o último a abolir a escravidão no mundo. Essa trajetória, para a autora, “transformou a escravidão em linguagem” e sedimentou na cultura brasileira a diferença entre quem manda - os mantenedores da ordem acima da lei, e os que trabalham os únicos que seriam submetidos a ela, como aborda a antropóloga no *Escravidão e racismo* (capítulo 1, p. 23-38)

Gilberto Freyre, em *Casa Grande e Senzala*, o caráter autoritário seria ainda reforçado pela construção antagônica de papéis engendrada no desenvolvimento histórico primário do Brasil, como justifica o autor devido aos antagonismos históricos como do da cultura europeia, indígena e africana, a católica e a herege e a economia agrária e pastoril (p. 86).

Retomando Roberto DaMatta (1997), segundo o autor, a expressão máxima da sedimentação de hierarquias e antagonismos vem através dos “*rituais fundados no reforço*” (p. 85) para a manutenção separação social - estes (rituais de reforço) seriam um recurso utilizado a partir do momento onde as “rotinas criam equivalências conflitiva entre papéis sociais” (p.85) no qual reforçam-se os papéis sociais pré-estabelecidos através, por exemplo, da evocação de fases como: “*Quem você está pensando que é?*” e “*Afinal, quem é o dono da casa?*”(p.85)

Para o antropólogo, o carnaval se encaixa no espectro ritualístico oposto ao descrito acima, correspondendo a um ritual de inversão no qual há um “deslocamento completo de um domínio para o outro do qual esses elementos estão excluídos” (p.86), nas palavras do autor,

trata-se, em outras palavras, de juntar o que está normalmente separado, criando continuidades entre diversos sistemas de classificação que operam discretamente no sistema social. É o que precisamente isso que parece ocorrer em momentos como o do carnaval brasileiro, quando o uso de fantasias permite relacionar a núcleo (ou centro do sistema social) toda uma legião de seres, papéis sociais e categorias que, no curso da vida diária, estão escondidos e marginalizados. (p. 86)

Chegando ao final do capítulo, compreende-se, através do entendimento de questões históricas que contribuíram para a formação e fortalecimento do autoritarismo brasileiro e sua estrutura hierárquica fixa e antagonista, que o carnaval no Brasil transborda de um hiato coletivo da função paterna, se tornando um momento onde a sólida estrutura social brasileira se liquidifica, as barreiras se rompem, as diferenças são suspensas para que todos possam submergir da ordem comum imposta pelo dia a dia e se apropriarem da sua individualidade e projeção social - sendo denominado por DaMatta "a festa sem dono" como ilustra o trecho abaixo:

por tudo isso, como já vimos, o dono do carnaval é o povo. ora, essa constatação permite reiterar que todas as festas do mundo social brasileiro tem um dono ou um patrono. do mesmo modo, uma festa sem dono é primordialmente uma festa sem dos destituídos e dominados. porque no mundo cotidiano eles nada possuem (exceto seus corpos e sua força de trabalho, seus poderes místicos e sua fome de viver), somente eles podem ser o centro de uma festividade invertida e paradoxal, que não programa lei e donos, mas que podem ser possuídas pelos que nada têm. não por acaso é por outra coisa que o carnaval pode ser alvo de todas as projeções sociais. ele surge, portanto, como uma imensa tela social, onde as múltiplas visões da realidade social são simultaneamente projetadas.  
(p. 132)

#### **4. CARNAVAL DE RUA NO BRASIL: SIMBOLOGIA, ENFRAQUECIMENTO E RETOMADA**

Ao longo da história, o carnaval foi se transformando, ganhando novos formatos, características regionais, se tornando muitos - um reflexo da diversidade e pluralidade e complexidade da cultura brasileira. Hoje, em uma classificação superficial, o carnaval pode se aposentar em três diferentes macro estruturas de organização: o carnaval das escolas de Samba, o dos trios elétricos e o carnaval de rua.

Para DaMatta (1997), por mais que existam diferentes carnavais no Brasil é na rua que o carnaval atinge seu potencial máximo simbólico devido ao seu caráter genérico e categórico, sendo assim o universo espacial idílico do carnaval são espaços como praças, as avenidas e o centro da cidade - espaços públicos que sucumbem à impessoalidade e se transformam em pontos de encontro de todas as diferenças.

Como justificativa, o antropólogo aborda (p. 96-110) a dicotomia existente entre a casa e a rua: a casa, seria o espaço ao qual se reserva da vida pública, um espaço controlado, de acolhimento ao desconhecido no qual os papéis sociais são incorporados de maneira natural para um pleno exercício das funções do corpo e da alma, como sono, higiene, afetos, alegrias, alimentação, etc. Em contrapartida, a rua é o espaço onde o brasileiro se depara com a realidade conflituosa - trabalho, lutas, perigos, desconhecido e penalidade - essa simbologia se manifesta através de expressões como “moleque de rua”, “vou te colocar para fora de casa” sendo utilizadas e para denominar lugar social inferior ou uma ameaça de rebaixamento à uma vida pior.

O carnaval, portanto, sedimenta seu papel no ritual de inversão quando a rua se torna palco para expressões de emoções e afetos reconhecidas como da vida privada, como abraço, dança e canto. Através delas “outro” da rua, até então desconhecido, se torna um dos “meus” do universo casa, e as barreiras da troca de afetos se dissipa. DaMatta (1997), discorre então sobre a condição fundamental para o nascimento de um ritual ser, assim como o símbolo, é o deslocamento do objeto do seu lugar de origem, o

estranhamento gerado a partir dele a confirmação de sua natureza; nas palavras do antropólogo,

desse modo, o ritualizar, como o simbolizar, é fundamentalmente deslocar o objeto de lugar - o que traz consciência aguda da natureza do objeto, das propriedades do seu domínio de origem e da adequação ou não de seu novo local. por isso, os deslocamentos conduzem a uma conscientização de todas as retificações do mundo social, ou seja no que elas têm de arbitrário, seja no que tem de necessário. (p. 105)

Porém, com o passar dos anos, o carnaval público passou a perder espaço para formatos mais privados. Muito se atribui esse enfraquecimento a privatização massiva do espaço público fruto das parceria público-privadas em prol do desenvolvimento urbano. De acordo com o artigo “*O Carnaval de rua do Rio de Janeiro como uma possibilidade de exercício do direito a cidade*” (SIQUEIRA e VASQUES, 2015), a privatização da rua é uma questão relacionada a sua função estratégica historicamente usada como instrumento de controle e dominação das massas:

é possível destacar momentos históricos de significativa relevância em que a rua foi utilizada também como instrumento estratégico para controle e dominação do espaço urbano, como, por exemplo, no caso das reformas urbanas de Paris conduzidas por Georges-Eugène Haussmann entre 1852 e 1870, que resultaram na criação de bulevares largos, extensos e lineares com o objetivo de extinguir as antigas vielas estreitas e cheias de curvas que impediram os exércitos de Napoleão de perseguir e dominar o território parisiense e facilitaram a criação de barricadas e de outras formas de resistência durante as revoluções populares de 1848 (HALL, 1995, p. 6)

A a ocupação privada da rua como forma de controle dificulta sua ocupação espontânea por qualquer indivíduo e impõe barreiras ao acontecimento de rituais como o carnaval, no qual há uma condição espacial para uma coordenação mínima para que o mesmo este aconteça. Como Roberto DaMatta (1997) descreve, o carnaval requer um espaço delimitado, onde os espaços privados afrouxem as barreiras as impostas ao ritual, demandando assim, uma energia prévia e organização para seu acontecimento.

o carnaval requer - seja na rua, na viela na praça ou na avenida; seja no clube na escola ou na casa - um espaço próprio...desse modo, quando o espaço já está demarcado, cria-se nele outro espaço exclusivamente destinado ao carnaval. o mesmo ocorre com o espaço urbano da cidade. o centro da cidade fica fechado ao trânsito, de modo que as pessoas, ligadas

ou não às corporações típicas do carnaval, - como blocos e escolas de samba, passam ocupá-la sem problemas. a rua ou avenida é domesticada, já que no mundo diário as ruas do Brasil são mortais, com os automóveis trafegando em alta velocidade, dispostos a liquidar pessoas. (p. 119)

A percepção do antropólogo vai de encontro com artigo publicado pelo jornal Nexo (2019), no qual Fernando Baggio, diretor da escola de samba Unidos do Tatuapé, discorre sobre as transformações as quais o carnaval de rua se submeteu, e atribui o início de seu enfraquecimento, tanto em São Paulo, como no Rio de Janeiro, ao período de ascensão da ditadura militar. Este, em uma tentativa de controlar o carnaval passou a restringir a atuação de rua no carnaval à grandes avenidas, e com o decorrer do tempo foi passando a ter apenas como grande referência os desfiles das escolas de samba no Sambódromo do Anhembi e na Marquês de Sapucaí.

O início da sua retomada aconteceu quase cinco décadas depois, e pode ser atribuído ao período no qual o carnaval de rua do Rio de Janeiro voltou a crescer, no início dos anos 2000. De acordo com matéria. De acordo com a matéria do site G1 (2020), a Riotur (Empresa de Turismo do Município do Rio de Janeiro), declarou que nas últimas duas décadas a cidade recebeu seis vezes mais turistas, chegando a totalizar 498 blocos e 7 milhões de turistas, em 2019.

A retomada do carnaval carioca trouxe mudanças estruturais ao carnaval de rua, como o surgimento dos grandes blocos, caracterizados pela presença de até 200 mil pessoas, e de blocos menores, segmentos por estilos musicais não relacionados ao carnaval, como funk e sertanejo, e também os pautados pela afirmação de minorias políticas como é o caso dos blocos reservados ao público LGBT e - tornando o carnaval ainda mais democrático e sedutor, como coloca Aydano Motta, autor do livro *Blocos de rua do Rio de Janeiro*, em matéria realizada para o portal G1 (2020), a qual ilustra-se por meio da seguinte passagem:

o carnaval de bloco é muito mais democrático, diverso, hospitaleiro. é pra qualquer pessoa. tem bloco parado, bloco andando, pequeno, grande, para todos os gostos musicais. você consegue se divertir de graça, esse carnaval (de rua) é muito sedutor no sentido da folia estrita. Virou mais importante para a cidade do que o carnaval do sambódromo nos últimos 30 anos.

Vale lembrar, que no Rio de Janeiro o adormecimento do carnaval de rua foi menos profundo devido a permanência dos grandes blocos de rua como Cordão do Bola Preta e boi Tatá, o que pode ter colaborado a retomada precoce. Outro aspecto que pode ter fomentado este crescimento maior, é protagonismo dos desfiles das escolas de samba cariocas que tornam o Rio de Janeiro simbolicamente mais atrativo em relação à São Paulo.

De qualquer maneira, a retomada carioca se tornou um alicerce para o início redescobrimto da rua como uma possibilidade de carnaval, convergindo com o início das redes sociais que, mais tarde, fomentou a popularização do carnaval de rua e seus novos formatos através do compartilhamento de fotos, abrindo caminho para a expansão do carnaval de rua em outros lugares do país, como é o caso de São Paulo e Belo Horizonte.

## **5. CARNAVAL DE RUA NA "SELVA DE PEDRA" E A IMPORTÂNCIA DAS REDES SOCIAIS NA VIABILIDADE DE SUA RETOMADA**

Este capítulo se inicia com o questionamento que deu início a definição do objeto de estudo do presente trabalho: “O que fez com que São Paulo, a mais icônica metrópole brasileira, em meio a uma infinidade de condomínios fechados, shoppings e avenidas, uma cidade onde estar na rua se a pé, como cidadão, torna-se uma missão quase impossível devido à sua hostilidade, pudesse se tornar o principal destino carnavalesco de rua em 2020?”

Para compreender este movimento, necessita-se analisar o início de sua retomada do crescimento do carnaval de rua, na segunda década dos anos 2000, mais especificamente em 2013. Até então, de acordo como jornalista Bruno Lupin em matéria para o portal de notícias G1, houve um fato político que pode ser considerado o marco zero da retomada do carnaval de rua de São Paulo: não existia uma política pública que “normatizasse” o carnaval de rua em São Paulo, e os cortejos que saíssem às ruas corriam o risco de serem retirados pelo poder público. Foi quando em 2013, sob comando de Fernando Haddad, a prefeitura, diante da percepção do aumento do número de blocos na cidade, estabeleceu uma ordem pública para que os mesmos não fossem reprimidos.

Um ano depois, ainda segundo o jornalista, em 2014 a prefeitura de São Paulo reconheceu os blocos de rua como patrimônio cultural e definiu que os o poder público não poderia interferir com nenhum meio de segregação ou repressão. Foi criado também um cadastro único, por meio do qual os grupos informaram a data e o local de suas paradas musicais e decretou-se também a responsabilidade da prefeitura planejar o fechamento das ruas, instalar banheiros químicos, desviar linhas de ônibus, organizar o comércio ambulante e enviar equipes de limpeza após o acontecimento.

Além das políticas públicas de reconhecimento e apoio ao carnaval de rua, outro fato chama atenção na início retomada do carnaval de São Paulo: sua convergência com as manifestações de 2013, que ocuparam as ruas de diversas cidades do Brasil e foram

originadas em São Paulo sob reivindicações contra o aumento da tarifa do transporte público na capital paulista organizadas pelo coletivo MP.

Em *Cidades Rebeldes, passe livre e as manifestantes que tomam as ruas do Brasil*, uma coletânea multifacetada de textos produzidos por diversos autores durante as revoltas de 2013, aborda, logo em sua apresentação, o entrelaçamento entre direito à mobilidade urbana com outras pautas de agendas constitutivas da questão urbana também geradas pelo modelo de desenvolvimento neoliberal das cidades como gentrificação e limpeza social (p. 11). Outro ponto que reforça a importância da temática da ocupação urbana no Brasil, é abordado também logo no início da obra (p. 12-13), e seria a existência de outros coletivos e reivindicações relacionado a pauta da ocupação urbana além das que deram origem às manifestações de 2013 iniciadas pelo MPL (Movimento Passe Livre), como a ocupação Prestes Maia, também em São Paulo, que articulou os grupos de produção cultural ao movimento sem-teto.

A coletânea levanta ainda outro ponto fundamental para a compreensão dos movimentos brasileiros de ocupação do espaço urbano o entendimento do perfil desses coletivos e público presente nos protestos e a forma de organização desses encontros - majoritariamente por jovens conectados por meio de redes sociais, ferramenta central na organização de ponta a ponta dos protestos: desde a disseminação da importância pauta, passando pela organização do evento e convocação do público (p. 15).

No texto *É a questão urbana, estúpido!* (p. 25-32), presente na coletânea, de Ermínia Maricado (p.25), aborda as reivindicações relacionadas ao transporte público e ocupação do espaço urbano como veiculado a uma temática maior, relacionada com questões que dizem respeito a condição das cidades e o direito a ela. De acordo com a autora, embora as cidades sejam o principal polo de reprodução da força de trabalho, nem toda a melhoria na vida dos trabalhadores tem como fonte o salário, e as boas condições de vida passam por questões fundamentais ligadas à políticas urbanas como transporte, moradia, saneamento, coleta de lixo, educação e segurança; porém essas condições passam dificultadas devido ao fato da cidade também ser um produto, um grande negócio, o que a transforma em um palco de disputa entre quem obtém lucro e quem necessita de melhores condições de vida .

Nas palavras de Ermínia Maricado, “a vida nas cidades brasileiras piorou muito a partir dos últimos anos da década passada” e a “cidade constitui um grande patrimônio construído historicamente e socialmente, mas sua apropriação é desigual e o nome do negócio é renda imobiliária ou localização, pois ela tem um preço devido à seus atributos” (p.25-26). A autora discorre também sobre o surgimento de parte da força de trabalho que ocupa que não teria que não cabe no mercado residencial da cidade formal, porém esta exclusão é combustível para seu desenvolvimento: a cidade formal, destinada a ser um simulacro de algumas imagens-retalho do Primeiro mundo é a outra face da moeda. uma não existe sem a outra.

Outro texto que chama a atenção e ajuda na compressão dos movimentos de retomada do espaço urbano, é o escrito por David Harvey - *A liberdade da cidade* (p. 35-41), no qual coloca a divisão social entre elites financeiras e população de baixa renda como intrínseca ao desenvolvimento das grandes metrópoles “globais” do capitalismo como Nova Iorque e São Paulo.

A partir do entendimento das questões ligadas a sua constituição das urbanidades capitalistas, pode-se concluir que a ocupação do espaço público por meio das manifestações de 2013 podem ser apontadas como um indício dos primeiros passos de conscientização dos impactos da cidade na vida das pessoas e a redescoberta da ocupação das ruas como ferramenta de protesto poderosa, renovando sua aura subversiva.

No que se compreende sobre o desenvolvimento das grandes metrópoles brasileiras, a capital paulistana sob o título de “a maior metrópole do país” se estabeleceu como um grande ícone de urbanidade do capitalismo brasileiro, se tornando sinônimo de melhores condições de trabalho e renda, porém nem sempre foi garantia de uma vida melhor. Sua macro constituição urbana, forjada pelo concreto, verticalização e grandes vias, deslocou quase completamente a massa trabalhadora para as periferias dos grandes centros - diferentemente de cidades como Rio de Janeiro que ainda preservam comunidades de baixo poder aquisitivo em torno de sua região central, e mascarando

sua desigualdade social e aumentou, ainda mais, a distância entre as elites da classe trabalhadora.

Através do raciocínio acima, fica evidente então, uma das raízes da constituição simbólica de hostilidade, frieza, distanciamento social e solidão atrelada a São Paulo, manifestada até mesmo através de produções culturais como a canção “Não existe amor em SP”, do *rapper* paulistano Criolo, nascido no bairro periférico do Grajaú - que se tornou a mais popular canção que tem como temática a cidade nas últimas décadas.

A partir desses aspectos, pode-se compreender que a retomada e a conquista do protagonismo do carnaval de rua de São Paulo são tratadas como um fato extraordinário e vista carrega em sua essência um certo estranhamento - como pode-se observar em diversas matérias das principais publicações o uso de um tom de "surpresa diante de algo impossível" na construção linguística utilizada para discorrerem sobre o evento. Manchetes como “*Carnaval de rua de São Paulo cresce e explode na capital*”, em matéria do portal terra, podem ser tomadas como exemplo para ilustrar essa linguagem por diversos veículos em diferentes momentos.

Se, para Roberto DaMatta, o que determina um ritual é justamente essa sensação de estranhamento, revelando o deslocamento do objeto de seu lugar de origem e caracterizando-se como um ritual de inversão da ordem comum, pode-se concluir então que o fato de ocupar as ruas de São Paulo com carnaval converge com o espírito carnavalesco primordial da subversão.

Como forma tornar tangível tal afirmação, toma-se como base as publicações feitas no Instagram - rede social com maior força na propagação de fotos relacionadas ao cotidiano como meio de expressão de um "estilo de vida", durante dois dos principais blocos do carnaval de rua de São Paulo:

- a) Casa Comigo, que teve sua estréia em 2013 na Vila Beatriz, porém devido ao seu crescimento rápido e expressivo, se tornou rapidamente um megabloco e teve que buscar espaços maiores para a sua realização. Em 2018, o bloco ocupou

as ruas da Avenida Brigadeiro Faria Lima e reuniu aproximadamente 500 mil pessoas no mesmo ano, segundo o portal de notícias UOL (2019).

b) Tarado Ni Você, bloco que nasce da ideia de reviver o carnaval de marchinhas, explorando a discografia de Caetano Veloso e, através disso, tendendo a reunir um público mais intelectualizado musicalmente. De acordo com o portal Blocos de Rua (2020), que chegou a reunir aproximadamente 40 mil pessoas um ano depois do seu ano de estréia em 2014, tomando conta das ruas do centro da cidade.

Por meio da observação de fotos que foram publicadas utilizando a *hashtag* de compartilhamento *#blococasacomigo* e *#taradonivoce*, que formam um bloco de imagem com mais de 29 e 5 mil fotos, respectivamente. Foram selecionadas as publicações mais representativas devido à recorrência do elemento: retratação explícita de urbanidades icônicas à cidade de São Paulo servindo de paisagem a expressões estéticas carnavalescas - multidão, pessoas fantasiadas e atitude irreverente e/ou celebrativa.



Imagem 1 - Homem solta fumaça colorida em frente à prédios na região da República.  
Fonte: Instagram @\_ciborg



Imagem 2 - Amigas fazem gesto de paz e amor no meio da Avenida Brigadeiro Faria Lima.  
Fonte: Instagram @\_srtaa\_medeiros



Imagem 3 - Homem fantasiado em meio à multidão na região do Theatro Municipal de São Paulo.  
Fonte: Instagram @avenerprado



Imagem 4 - Amigas fantasiadas de coelhinhas em ônibus à caminho da Avenida Brigadeiro Faria Lima.  
Fonte: Instagram @alepolicarpo



Imagem 5 - Shopping Light em meio à multidão.  
Fonte: Instagram @leorapini



Imagem 6 - Fernanda Paes Leme em frente aos edifícios espelhados na região da Vila Olímpia.  
Fonte: Instagram @blococasacomigo



Imagem 7 - Grupo de amigos fantasiados em frente à Edifício República.  
Fonte: Instagram @arrocha\_paula



Imagem 8 - Homem faz gesto irreverente na Avenida Brigadeiro Faria Lima.  
Fonte: Instagram @jucleisson



Imagem 9 - Casal tira selfie em frente à Catedral da Sé.  
Fonte: Instagram @paulo.bio



Imagem 10 - Mulher tira foto agachada no meio da Avenida Consolação.  
Fonte: Instagram @biertriz



Imagem 11 - Homem faz pose irreverente e relaxada em frente ao Palácio da República.

Fonte: Instagram @tchejuarez



Imagem 12 - Mulher tira foto agachada no meio da Rua Augusta.

Fonte: Instagram @luissaqueiroz

As imagens acima tornam tangível a questão da extraordinariedade do deslocamento do objeto carnaval de rua para as ruas da capital paulista, adicionando ao "estar na rua em São Paulo durante o carnaval", um aspecto inédito e incomum ao ponto de se tornar o um mote de compartilhamento de usuários de uma rede social utilizada primordialmente como para que as pessoas possam reforçar uma imagem pessoal individualizada.

É também de extrema importância ressaltar que as redes sociais, e todos os outras plataformas que fazem parte desse ecossistema digital maior, além servirem como fonte de pesquisa por representações visuais para o entendimento das questões simbólicas que envolvem a retomada do carnaval de rua de São Paulo, nos permite entender, através dos benefícios dados através de suas múltiplas funcionalidades, sua atuação como ferramenta viabilizado na sua retomada, atuando desde aspectos ligados a sua organização até a criação e propagação de múltiplas imagens que transformam as ruas de São Paulo em uma possibilidade de carnaval.

Além disso, sua proeminência como ferramenta viabilizadora, fica ainda mais evidente quando se entende as barreiras impostas à cidade (discorridas acima) e intrínsecas ao "estar na rua", principalmente em momentos coletivos.

Como forma de ilustrar, citam-se abaixo alguns três possíveis benefícios gerados a partir das funcionalidade dessas múltiplas plataformas digitais as os relaciono com possíveis contribuições na atenuação das barreiras intrínsecas à esse tipo de manifestação coletiva.

- a) Os sites e aplicativos que divulgavam a agenda de blocos durante o carnaval tiveram um papel fundamental como ferramenta de organização e coordenação dos blocos. Através deles, as pessoas puderam entrar em contato com informações de localização, data, delimitação do percurso, horário de início e encerramento e estilo musical de cada bloco, facilitando assim um planejamento individual prévio de seus participantes e facilitando encontros;

- b) As funcionalidades de compartilhamento de localização de aplicativo de mensagens whatsapp que proporcionaram encontros entre pessoas do mesmo grupo em meio ao caos gerado das multidões espalhadas pela cidade;
- c) A criação de um banco de imagens formada a partir do compartilhamento de fotos e vídeos fotos e vídeo de experiências momentâneas vividas durante o carnaval de rua de São Paulo em redes sociais como instagram e facebook criou um corpo imagético altamente propagável que ampliou o alcance da mensagem do extraordinário "é possível ocupar as ruas de São Paulo com o carnaval".

Por fim, ressalta-se ainda, as possíveis transformações simbólicas geradas a partir da experiência digital incorporada ao evento, que não fazem parte do escopo deste trabalho porém, por meio da consulta à diversas bibliografias relacionadas ao universo digital, faz se compreender a potência das transformações tecnológicas na constituição de um novo universo de significados e significantes; como deixa explícito Lúcia Santaella no artigo *As linguagens como antídoto ao midiacentrismo*, ao citar Martín-Barbero:

para ele, a revolução tecnológica não deve ser compreendida apenas com a introdução de uma quantidade inusitada de novas máquinas, mas como novas relações entre a constituição do cultural pelos processos simbólicos e as formas de produção e distribuição dos bens e serviços "um novo modo de produzir de produzir confusamente associado a um novo modo de comunicar" que transforma o conhecimento em uma força produtiva direta. (p. 75)

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vale ressaltar que o todas as etapas do presente trabalho trouxeram aprendizados consistentes para a elaboração consistente da síntese que revela o entendimento do papel da rua no carnaval de São Paulo. Foi necessário compreender sua origem profana, seus aspectos psicanalíticos que carregaram a importância da festa até os dias atuais, as questões do autoritarismo que deu potência ao carnaval brasileiro e o papel das ruas como o palco principal de sua expressão essencial que representa, assim como uma ferramenta de controle, um mecanismo de pertencimento. Portanto, só foi possível iluminar a característica subversiva presente no ato puro e simples de estar na rua em na cidade São Paulo durante o carnaval, como colocado no capítulo anterior, graças a formação de um cenário conectado das questões abordadas em cada capítulo deste trabalho.

Como continuidade a esse estudo, uma pesquisa com intuito de aprofundar as questões que permeiam a intersecção carnaval de rua e mídias sociais trará ainda mais corpo às questões levantadas até o presente momento.

Destacamos aqui algumas questões que podem ser tomadas como base para a formulação de hipóteses centrais para futuros trabalhos objetivando a temática carnavalesca de rua na contemporaneidade como ponto central, tanto nos aspectos que tangem a celebração paulistana como os que visam investigar sua relação de impacto com as redes sociais:

- a) Até que ponto o "estar na rua em São Paulo durante o carnaval", expressão que converge ao extraordinário e ganha um tônus subversivo, se estende à outros aspecto subversivo ligados ao carnaval;
- b) A existência de possíveis contornos que possam afastar as esferas da "estar na rua em São Paulo durante o carnaval" e da celebração em si. Caso esse aspecto

seja identificado, a averiguação da existência de uma sobreposição dessas esferas se torna interessante;

- c) A investigação dos impactos da experiência tecnológica no corpo simbólico da celebração, como no encerramento do capítulo anterior;

Como encerramento, faz-se uma possível provocação com intuito de ampliar o olhar sobre o carnaval na contemporaneidade, que também pode servir como norte para investigações futuras. Compreende-se a contrapartida da individualização e da liquidez das relações contemporâneas, por isso: quais seriam os impactos na função da celebração nos dias atuais? Deixando como raiz desse questionamento um trecho de *Vida para o Consumo* (xxx), de Bauman:

os carnavais do estilo antigo davam uma chance para que a liberdade individual negada a vida diária fosse saboreada de forma arrebatadora. Agora, as oportunidades penosamente inalcançadas são as de se desprender do fardo e esquecer a angústia da individualidade, dissolvendo-se o seu eu num "buraco maior" e abandonando-o alegremente ao domínio deste, celebrando breve, porém intensos, festivais de diversão comunal. A função (e o poder sedutor) dos carnavais líquidos modernos está no ressuscitamento momentâneo do convívio que entrou em coma. Tais carnavais são sessões espíritas para as pessoas se reunirem, darem as mãos e invocarem do outro mundo o fantasma da falecida comunidade - seguras em suas consciências de que o convidado não vai ultrapassar o horário limite do convite, fará apenas uma visita efêmera e se desvanecerá no momento em que terminar a sessão. (p. 99)

## 7. REFERÊNCIAS

SANT'ANNA, Thais. *São Paulo tem o maior carnaval de rua da história, diz prefeitura*. UOL, 04 de mar. 2020. Disponível em <<https://www.uol.com.br/carnaval/2020/noticias/redacao/2020/03/02/sao-paulo-tem-o-maior-carnaval-de-rua-da-historia-diz-prefeitura.htm>>. Acesso em 3 ago. 2020.

DICIONÁRIO Etimológico. Disponível em <<https://www.dicionarioetimologico.com.br/carnaval/>>. Acesso em: 5 ago. 2020.

FIGUEREDO, Filipe. *O Nerdologia História você vai entender porque o dia de hoje é chamado de Terça-feira gorda!*. Canal Nerdologia, 28 de fev. 2017. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=PB6qcm2raow&t=451s>>. Acesso em 13 ago. 2020.

DURKHEIM, E. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: Para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DE SANTI, Pedro. *Comportamento e sexualidade segundo Freud*. Casa da Saber, 11 de ago. 2016. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=PYaJA69HMbE>>. Acesso em 01 set. 2020.

DUNKER, Christian. *Por que a ênfase na figura paterna em Freud?* 31 de jul. 2016. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=PYaJA69HMbE>>. Acesso em 01 set. 2020.

BEDANI, Airton e Albertini, PAULO. *Política e sexualidade na trajetória de Reich: Berlim (1930-1933)*. 2009. Disponível em <Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672009000200003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672009000200003)>> Acesso em 7 set. 2020.

FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e análise do eu*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

SCHWARTZ, Lilian. *Sobre O Autoritarismo brasileiro*. São Paulo : Companhia das letras, 2019.

SILVEIRA SIQUEIRA, Gustavo e RAMOS PRADO VASQUES, Pedro. *O Carnaval de rua do Rio de Janeiro como uma possibilidade de exercício do direito a cidade*. Revista da Faculdade de Direito UFPR, 2015. Disponível em <<https://revistas.ufpr.br/direito/article/view/37916>>.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. São Paulo: Global, 2019.

G1, portal. *Com seis vezes mais turistas, carnaval de rua do Rio explodiu nas últimas décadas*. 02 de fev. 2020. Disponível em <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2020/noticia/2020/02/21/com-seis-vezes-mais-turistas-carnaval-de-rua-do-rio-explodiu-nas-ultimas-decadas.ghtml>> Acesso em 2 ago. 2020.

TEODORO, Marina. *Carnaval de rua de São Paulo cresce e explode na capital*. Portal Terra, 23 de fev. 2020. Disponível em <Disponível em <<https://www.terra.com.br/diversao/carnaval/carnaval-de-rua-de-sao-paulo-cresce-e-explode-na-capital,898c83fdf39b43e6c051294540ed39d7odisl2e6.html>> Acesso em 5 out. 2020.

MARICATO, Erminia. *Cidades Rebeldes, passe livre e as manifestantes que tomam as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2013.

HARVEY, David. *Cidades Rebeldes, passe livre e as manifestantes que tomam as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2013.

LISBOA, Daniel. *Megabloco de noivas, Casa Comigo começou com "vaquinha" de 100 reais*. UOL, 14 de fev 2019. <Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/carnaval/2019/noticias/redacao/2019/02/14/megabloco-de-noivas-casa-comigo-comecou-com-vaquinha-de-100-reais.htm>> Acesso em 6 out. 2020.

SANTAELLA, Lúcia. *As linguagens como antídoto ao midiacentrismo*. Revistas Matrizes, 15 de out. 2007.<Disponível em <<http://www.journals.usp.br/matrizes/issue/view/3168>> Acesso em 10 out. 2020.

Bauman, Zygmund. *Vida para o Consumo: A transformação das pessoas em mercadoria*. Companhia das Letras, 2008.

